

Brasileiros terão Natal da austeração

Com inflação e juros elevados corroendo a renda das famílias, lojistas preveem que as vendas de fim de ano terão o menor avanço em 10 anos

» DECO BANCILLON

Nada de gastança com presentes caros ou de fartura de comida e bebida à mesa. Para muitos brasileiros, este será o Natal da austeração. As previsões dos empresários e de entidades de varejo são de que as vendas da data festiva avancem em 2014 apenas 3%, o menor ritmo em 10 anos. Como consequência, quem pensava em contratar trabalhadores temporários ou aumentar o volume dos estoques esperando dias melhores deverá mudar de ideia. "O lojista que acha que vai vender mais neste ano certamente se decepcionará", avisa o economista Bruno Fernandes, da Confederação Nacional do Comércio (CNC). "Na melhor das hipóteses, teremos um Natal apenas moderado", reforça.

Em tempos de escassez de vendas, sobrará para o trabalhador. A entidade calcula que o emprego temporário neste fim de ano terá alta de apenas 0,8%, o menor desempenho desde 2009, quando o Brasil e o mundo ainda tentavam conter os estragos da crise econômica global, após a quebra do banco Lehman Brothers, em 2008.

Há outra semelhança entre os dois períodos. Naquele ano, o Produto Interno Bruto (PIB) encolheu 0,3%. Neste, na melhor das previsões, deverá avançar 0,3%, segundo projeção do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Os números da macroeconomia são sentidos no bolso do brasileiro. A escalada da inflação e dos juros ao consumidor, que estão no maior patamar em três anos, levou as famílias a apertarem o cinto. Enquanto o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) cravou alta de 6,75% ao ano, nos últimos 12 meses até setembro, as taxas médias cobradas nos financiamentos às pessoas físicas chegaram a 43,2% em agosto, segundo o Banco Central.

Esses valores referem-se apenas às operações com recursos livres, que não incluem o crédito imobiliário, o rural e o direcionado a investimentos, negociado principalmente pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Como os bancos estão fechando a torneira do crédito, para uma grande parte das famílias o que resta é buscar linhas emergenciais, de custo muito elevado. Em agosto, o juro médio cobrado nessa modalidade chegou a 172,8% ao ano — maior desde 2008.

Os juros bateram forte na renda das famílias e levaram cada vez mais consumidores a cortarem supérfluos. Apenas itens de primeira necessidade, como alimentos, não foram ainda totalmente riscados da lista do mercado. "Em geral, 2014 já vem sendo um ano bastante ruim para o varejo, o que deixa empresários e consumidores muito receosos com o futuro", diz Álvaro Silveira Junior, presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) de Brasília.

Em julho, das 10 atividades do varejo pesquisadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apenas duas registraram elevação: artigos farmacêuticos e outros itens de uso pessoal e

doméstico, com altas de 6,1% e de 5,9%, respectivamente. Os demais segmentos amargaram perda, fato que levou os empresários a botarem o pé no freio. Coincidemente, é entre junho e agosto que o comércio começa a fazer as encomendas para o Natal.

Diante do quadro adverso, muitos empresários decidiram reduzir o volume de compras de fornecedores, o que levará, inviavelmente, a uma oferta menor pelo varejo no fim de ano. Silveira Junior garante, no entanto, que não faltarão produto para quem ainda quiser comprar. "Eu acredito que vai dar a conta exata", diz, acrescentando que o menor volume de pedidos às fábricas deverá resultar em menos excedentes de mercadorias depois das datas festivas. "Como o empresário já comprou menos, significa que ele vai liquidar menos em janeiro, o que é bom para recompor um pouco as margens de lucro, que estão bastante apertadas", avalia.

Nó no bolso

Se a inflação e os juros não param de subir, o mesmo não se pode dizer dos salários, que já não crescem na mesma intensidade de anos anteriores. Cálculos de especialistas em consumo mostram que o rendimento real do trabalhador deverá avançar neste ano apenas 1,4%, a menor variação desde 2009.

Com o orçamento estrangulado, muitos brasileiros não viram outra saída a não ser acumular ainda mais dívidas para rolar os compromissos. A CNC projeta crescimento de 8,6% no valor nominal das parcelas assumidas pelos consumidores, na comparação entre agosto e igual mês de 2013. Em julho, esse aumento havia sido de 8,4%, o que reflete a tendência de encarecimento do crédito para consumo.

Não por acaso, as pessoas estão mais endividadas do que nunca. O comprometimento do orçamento doméstico apenas com empréstimos de bancos e financeiras chega a 46% da renda das famílias, de acordo com os dados mais recentes do Banco Central.

Para especialistas, esses números explicam grande parte dos maus resultados do varejo ao longo do ano. As vendas ficaram estagnadas em quatro dos últimos seis meses. Em julho, o desempenho foi ainda pior, com queda de 1,1%, o resultado mais fraco desde outubro de 2008. Na próxima quarta-feira, o IBGE divulgará os resultados de agosto.

A consultoria Rosenberg Associados prevê que as vendas avancem 1,8% ante julho. Contra agosto de 2013, porém, os resultados não serão nada animadores. "Nós projetamos crescimento pequeno em relação ao mesmo mês de 2013, de 0,3%, porém em terreno positivo", disse a economista-chefe da Rosenberg, Thaís Marzola Lara.

Será, portanto, um respiro após uma série de resultados desapontadores. O mesmo vale para a economia como um todo, que será puxada para cima momentaneamente por fatores estatísticos.

Fim de ano apertado

Condições financeiras mais difíceis reduzem o orçamento das famílias para compras

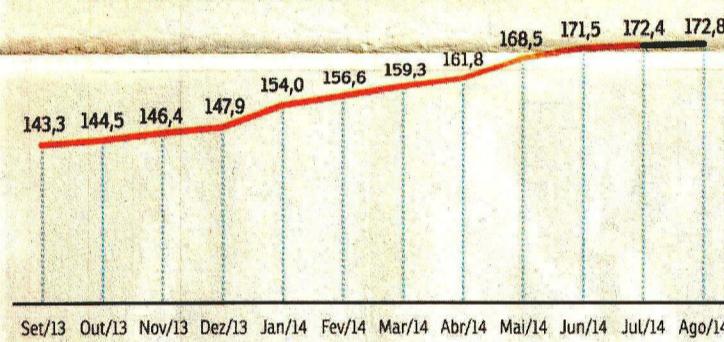
Sem dó

A taxa de juros ao consumidor sobe ao maior patamar em três anos (em % ao ano)



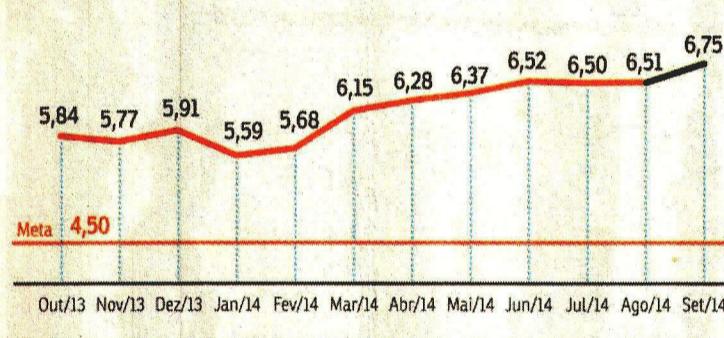
Só dureza

Em pior situação, está quem precisa recorrer ao cheque especial, cujas taxas estão na máxima desde 2008 (em % ao ano)



Nas alturas

Para piorar, a inflação ao consumidor não para de subir (variação em 12 meses, em %)



No aperto

Enquanto isso, o endividamento das famílias é o maior da história (em %)

Comprometimento da renda



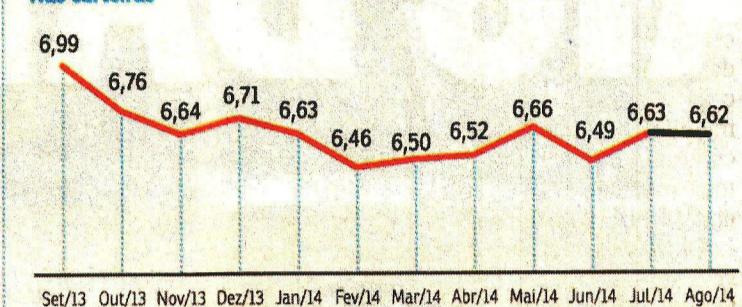
Fontes: Banco Central, IBGE, FGV e CNC

Thiago Fagundes/CB/D.A. Press

Dois anos depois

E a inadimplência das pessoas físicas, que vinha caindo, voltou a subir (em %)

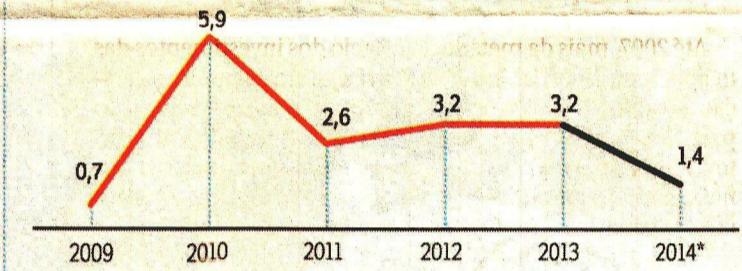
Nas carteiras



Sem moleza

Antes motivo de alívio, os reajustes salariais têm sido cada vez menores

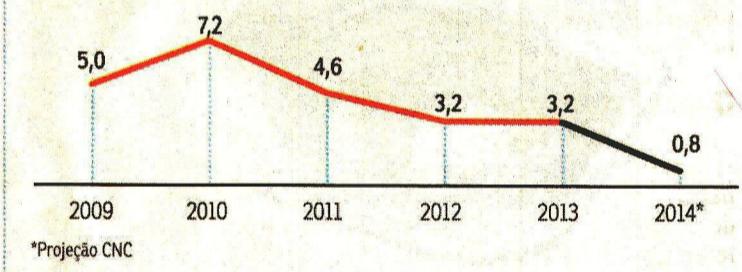
Rendimento real habitual do trabalhador (em %)



Nada de contratações

E pode piorar, já que os empregos temporários têm avançado cada vez menos

Variação anual (em %)



*Projeção CNC

